



GUIA DO PROFESSOR
ARTES • HISTÓRIA E GEOGRAFIA
LITERATURA E LÍNGUA PORTUGUESA

A HORA DOS RUMINANTES

JOSÉ J. VEIGA



OS CAVALINHOS DE PLATIPANTO

COMPANHIA DAS LETRAS

JOSÉ J. VEIGA

Os cavalinhos de Platiplanto

A hora dos ruminantes

Guia do Professor

ARTES

•

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

•

LITERATURA E LÍNGUA PORTUGUESA

Érico Melo

COMPANHIA DAS LETRAS

Os cavalinhos de Platiplanto e
A hora dos ruminantes: Guia do professor
Copyright © 2015 by Companhia das Letras

Consultoria
Érico Melo

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraseguinte.com.br

www.facebook.com/educacao/companhia_das_letras

É com grande satisfação que anunciamos a vinda da obra de José J. Veiga para a Companhia das Letras.

Romancista e contista entre os mais importantes e influentes da segunda metade do século xx no Brasil, Veiga nasceu na zona rural entre Corumbá de Goiás e Pirenópolis. Essas antigas cidades mineradoras lhe inspiraram a composição de lugares ficcionais como Manairairema, vilarejo que é cenário de seus dois primeiros livros – *Os cavaleiros de Platiplanta* (1959) e *A hora dos ruminantes* (1966). Com eles, a Companhia inicia esta necessária reedição da obra completa de Veiga, expoente da literatura fantástica no Brasil, cuja escrita singular no entanto questiona os rótulos usuais do chamado “realismo mágico”.

Veiga foi pioneiro do fantástico no Brasil, vários anos antes do boom latino-americano. Sua obra versa principalmente sobre a natureza das relações humanas nas “cidades mortas” do interior profundo, mas também em utopias inventadas, com destaque para os mecanismos de opressão da vida social. A libertação e a transcendência proporcionadas pela irrupção da fantasia em meio à realidade mais comezinha é uma das chaves-mestras do maravilhoso mundo veiguiano. Como afirma Antonio Candido sobre *Os cavaleiros de Platiplanta*, “são contos marcados por uma espécie de tranquilidade catastrófica”: o absurdo evidente das situações inespera-

das revela o absurdo do cotidiano. Em *A hora dos ruminantes*, livro de forte conotação política lido por Cristóvão Tezza como “uma espécie de referência e síntese” da obra de Veiga, é possível ouvir ecos de Kafka e Pirandello, mas também de Guimarães Rosa e Murilo Rubião. O sertão, de repente, se transforma em outros mundos para expor faces insuspeitas da literatura e da realidade.

JOSÉ J. VEIGA nasceu em Corumbá de Goiás, em 1915, e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1935, quando começou a trabalhar como radialista. Ingressou na Faculdade Nacional de Direito, onde se formou em 1943, mas não chegou a exercer a advocacia. Entre 1945 e 1949, trabalhou na rádio BBC de Londres. De volta ao Brasil, abraçou o jornalismo impresso, colaborando em veículos como *O Globo* e *Tribuna da Imprensa*. Como redator-chefe, sucedeu a Antônio Callado na revista *Reader's Digest*. Publicou quinze livros de ficção, entre romances, novelas e coletâneas de contos. Em 1997, a excelência de sua literatura foi reconhecida pelo prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Morreu no Rio de Janeiro, em 1999.

OS CAVALINHOS DE PLATIPLANTO E A HORA DOS RUMINANTES: UM ROTEIRO PARA A SALA DE AULA

As atividades sugeridas por este guia funcionam como um roteiro de leitura de *Os cavalelinhos de Platiplanto* (1959) e *A hora dos ruminantes* (1966), de José J. Veiga. Os exercícios e reflexões propostos se encontram agrupados em três seções – artes, história e geografia e língua portuguesa – que abrangem os principais temas abordados pelo escritor goiano, além de questões de linguagem e interpretação levantadas pela leitura dos textos.

ARTES

5

Muitos acontecimentos narrados nos livros de José J. Veiga (1915-1999) não encontram explicação nas leis da física e da lógica. Basta citar, por exemplo, a invasão de Manarairema por milhares de cachorros e bois, em *A hora dos ruminantes*, ou a viagem do protagonista do conto “Os cavalelinhos de Platiplanto” até o reino mágico de mesmo nome.

A representação do impossível e do absurdo na literatura do século xx tem fortes afinidades com as artes visuais. Em especial, com o surrealismo, surgido na Europa após a Primeira Guerra Mundial. Foi um movimento artístico que preconizava a representação de outras realidades além da dos cinco sentidos, principalmente a dos sonhos, pesadelos e delírios. Eventos e objetos impossíveis segundo o senso comum se tornaram possíveis nas telas, esculturas, filmes e fotografias

surrealistas. Era uma negação das regras de representação da arte tradicional e uma fuga da difícil realidade europeia depois da guerra. Os surrealistas propuseram novas maneiras de enxergar o mundo por trás das aparências, dando vazão ao inconsciente.

Por outro lado, há muita realidade histórica nos livros de José J. Veiga. O autor retrata em detalhes as pequenas cidades do sertão goiano há quase cem anos: a rica natureza circundante, o cotidiano pacato das personagens, a linguagem sertaneja, as atividades profissionais de carroceiros, vendeiros, marceneiros e ferreiros etc. Essa presença da realidade no primeiro plano dos livros em estudo permite associá-los também à estética realista.

O realismo teve origem em meados do século XIX, quando vários artistas ao redor do mundo, num movimento iniciado na França, perceberam que o romantismo e seus devaneios líricos e sentimentais estavam em descompasso com o vertiginoso crescimento das grandes cidades, ocasionado pelo desenvolvimento do capitalismo industrial. A representação da realidade, urbana ou rural, devia ser o mais fiel possível, de maneira a proporcionar uma análise “científica” do funcionamento da sociedade, quase sempre para criticá-lo.

ATIVIDADE 1: DESENHAR O “MOMENTO DE VIRADA” DOS TEXTOS Na maioria dos contos de *Os cavaleiros de Platiplanto*, as tramas começam num registro realista: as coisas e as pessoas são o que parecem ser. Mas há um “momento de virada” da narrativa, mais ou menos explícito, que marca a transição para o sonho ou o pesadelo: o real, sem aviso prévio, vira surreal.

Divida a classe em duplas. Peça para cada dupla escolher um conto e desenhar esse “momento de virada”, quando a magia do inverossímil assume o controle da narrativa.

Ao final da atividade, os desenhos realizados podem compor uma exposição na classe. Convide outras classes para apreciar a exposição.

ATIVIDADE 2: LEITURA DE UMA OBRA DE JIND ICH ŠTYRSKÝ Nesta colagem do surrealista tcheco Jind ich Štyrský (1899-1942; pronuncia-se “Índrish Stírki”), não há formas abstratas: os objetos e personagens são reproduzidos fielmente a partir da realidade – tal como nos textos de José J. Veiga. Mas um segundo olhar revela que alguns desses elementos se relacionam numa situação impossível, construindo sentidos inusitados.



Jindřich Štyrský, sem título da série Stěhovací kabinet [Gabinete móvel], 1934

Divida a classe em grupos. Cada grupo, após uma discussão interna, deve fazer um comentário por escrito sobre a obra de Štyrský para tentar explicar seu sentido. Em seguida, peça aos grupos que relacionem a colagem do artista tcheco a cenas dos livros de José J. Veiga em estudo.

Um trabalho de colagem de recortes de fotografias, extraídas de jornais e revistas, também pode ser realizado pelos mesmos grupos. O objetivo é construir situações surrealistas a partir de imagens de pessoas e objetos reais. Alternativamente, os alunos podem digitalizar as fotografias (ou ainda, baixá-las da internet) e realizar a montagem no computador.

ATIVIDADE 3: LEITURA DE TRÊS OBRAS DE ALMEIDA JÚNIOR O pintor paulista José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899) registrou com grande fidelidade e realismo a vida dos habitantes da zona rural paulista – os *caipiras*.



Almeida Júnior, O violeiro, 1899. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

No início do século XX, os caipiras de Goiás na obra de José J. Veiga ainda viviam de maneira bastante parecida com a dos caipiras de Almeida Júnior. Depois de



Almeida Júnior, *Amolação interrompida*,
1894. Pinacoteca do Estado de São Paulo,
São Paulo, Brasil



Almeida Júnior, *Recado difícil*,
1895. Museu Nacional de Belas
Artes, Rio de Janeiro, Brasil

dividir a classe em duplas, o professor proporá as seguintes atividades e questões:

- Desenhe as personagens principais de *A hora dos ruminantes*, observando as descrições fornecidas pelo autor – a aparência das personagens dos contos de *Os cavaleiros de Platiplanto*, embora não sejam fornecidos muitos detalhes, também pode ser imaginada.
- Que personagens do romance se parecem com as figuras das pinturas? E nos contos, há gente parecida?
- Qual seria o “recado difícil” que o menino da pintura homônima tem a transmitir? Por que ele parece ter medo de dizê-lo? Há alguma situação semelhante nos livros de José J. Veiga?

ATIVIDADE 4: ARQUITETURA URBANA Embora as histórias de Veiga nos dois livros em tela se passem no sertão goiano, os principais acontecimentos geralmente são ambientados em pequenas cidades, como a fictícia Manarairema, ou em seus arredores. São raras as cenas extensas nas quais a ação se desenrola em fazendas distantes ou no cerrado (a vegetação típica do sertão goiano). Assim, pode-se dizer que o meio urbano é o principal cenário das histórias de ambos os livros.

Uma atividade que pode incluir toda a classe, ou ser realizada por grupos grandes: peça aos alunos que, com base nas fotografias abaixo, construam a maquete de uma cidade semelhante a Manarairema. A escolha dos materiais fica a cargo do professor.



ATIVIDADE 5: CULTURA POPULAR DE GOIÁS No conto “A Invernada do Sossego”, de *Os cavaleiros de Platiplanta*, o narrador (que é também o protagonista) da história deseja muito ir à cidade montado no falecido Balão para assistir à cavalhada – e enfim ele realiza o desejo de reencontrar seu cavalo em sonho, um sonho que não tarda a virar pesadelo.

A cavalhada, antiga manifestação cultural do interior brasileiro, é encontrada em quase todas as regiões do país. Trata-se de uma reencenação das batalhas entre mouros (muçulmanos) e cristãos durante a Idade Média, no contexto da Reconquista da Península Ibérica e das Cruzadas. É uma festa ao mesmo tempo profana e religiosa. Os mouros vestem trajes vermelhos, e os cristãos estão sempre de azul. A cavalhada mais famosa e tradicional de Goiás é realizada anualmente desde o início do século XIX em Pirenópolis, na região onde José J. Veiga nasceu e cresceu. Existe até mesmo um “cavalhódromo” na cidade, semelhante ao pátio com arquibancadas da “Invernada do Sossego”.





Divida a classe em dois grandes grupos – serão os dois exércitos da cavallhada. Mas, em vez de reencenar a luta equestre, a disputa será artística. Com o emprego de materiais como cartolina colorida, tinta e cola, os grupos competirão para ver qual consegue fazer a melhor fantasia de mouro/cristão (excluindo, claro, os adereços dos cavalos): não se esqueçam das capas e chapéus. Pode ser necessária uma pesquisa prévia sobre a cavallhada na internet. Para a escolha do grupo vencedor, convide outras classes e professores para votar.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Nos primeiros tempos, o povoamento do Brasil pelos colonizadores portugueses se limitou à faixa litorânea demarcada pelas serras costeiras. As dificuldades oferecidas pelo relevo e pela vegetação, além das tribos indígenas hostis à presença do invasor branco, atrasaram durante muito tempo a comprovação dos boatos

de fabulosas riquezas minerais nas terras altas do interior inexplorado – o *sertão*. A economia açucareira e extrativista, que fixava as vilas e cidades mais importantes no litoral atlântico, se somava aos obstáculos oferecidos pela natureza e os índios bravios. Nesse sentido, o historiador Sérgio Buarque de Holanda afirma em *Visão do paraíso* que os primeiros colonizadores do Brasil preferiam ficar “arranhando as costas como caranguejos” a se instalar nos sertões de floresta, cerrado e caatinga. Essa tendência costeira definiu durante centenas de anos nossa maneira de ocupar o território brasileiro, e de certo modo ainda a define.

As entradas e bandeiras que desde o século XVII buscavam minérios preciosos e índios para o trabalho escravo deflagraram o tardio início do povoamento do interior. A partir do século seguinte, as vilas e cidades nascidas entre as minas de ouro e pedras preciosas recém-descobertas formaram a primeira e mais importante exceção à tendência costeira da presença portuguesa na América. Corumbá de Goiás, por exemplo, a cidade natal de José J. Veiga, foi fundada em 1731 como um pequeno entreposto de garimpeiros. Corumbá constitui, ao lado das vizinhas Pirenópolis e Goiás Velho (também antigas cidades mineradoras), o modelo de Manarairema, lugarejo fictício que é o cenário principal de *A hora dos ruminantes* e de “A espingarda do rei da Síria”, último conto de *Os cavaleiros de Platiplanto*.

Sem dúvida, a instalação de uma sociedade mineradora em Goiás e Minas Gerais levou a ocupação da região central do país a um passo decisivo. Criadores de gado e todos os tipos de boiadeiros, vaqueiros e demais sertanejos ligados à cultura do charque e do couro (mercadorias destinadas ao abastecimento das cidades de mineração), além de mascates e tropeiros, foram aos poucos espalhando os costumes, crenças e provérbios dos ancestrais através dos sertões. A mística visão de mundo desses sertane-

jos, com suas muitas histórias de milagres e assombrações, forneceu a José J. Veiga parte relevante da inspiração para a escrita de suas histórias fantásticas.

As *corrutelas* – nome sertanejo dado a pequenas cidades e vilas – que resistiram à decadência das lavras minerais chegaram ao século XX com seus casarios e costumes antigos quase intactos. Esses lugarejos sofreram um choque de modernidade com a chegada de forasteiros e suas máquinas ruidosas fabricadas nas grandes cidades do Brasil e do exterior.

Com a ressalva de que a literatura não constitui mero espelho da realidade, pode-se dizer que esse é o ambiente histórico-geográfico onde José J. Veiga encena seus textos cheios de acontecimentos mágicos, mas ainda assim muito ligados à terra e à história das populações retratadas.

ATIVIDADE 1: A GEOGRAFIA DO SERTÃO E SEUS ECOSISTEMAS As serras que delimitam as bacias hidrográficas são consideradas as fronteiras “naturais” de um dado território.

Antes da construção de ferrovias e rodovias, os rios, riachos, ribeirões, córregos e veredas eram as principais rotas de viagem dos sertanejos, a pé, a cavalo ou canoa. As montanhas, por outro lado, constituíam os principais obstáculos a seus deslocamentos.

A fauna e a flora também sofrem marcada influência das bacias hidrográficas. Por exemplo, peixes que vivem num certo rio podem não ser encontrados num curso d'água poucos quilômetros de distância, se suas águas fluem para bacias distintas.

Peça à classe (dividida em duplas) que identifique no mapa de Goiás os maiores rios e os limites das principais bacias hidrográficas do estado. Será necessária uma consulta a mapas físicos de Goiás – que podem incluir os mapas virtuais do Google Earth. Esses limites das bacias

são chamados de divisores de águas, e geralmente correspondem às montanhas e serras mais elevadas.

- Que resquícios da era da mineração podem ser encontrados em ambos os livros de Veiga?
- Se Manarairema pode realmente ser identificada com as antigas cidades mineradoras do norte do atual estado de Goiás – por exemplo, Pirenópolis e Goiás Velho –, a qual bacia pertence o rio que atravessa a cidade?

Diversas espécies animais e vegetais típicas do cerrado goiano são mencionadas por José J. Veiga. Peça a toda a classe que faça uma lista de todos os bichos e plantas mencionados nos doze contos e no romance. Por meio de uma pesquisa na internet, a classe reunirá imagens desses espécimes e responderá às questões: quais deles podem ser consideradas típicos do cerrado? A mesma pesquisa permitirá identificar quais são as espécies mais ameaçadas. Organizada em grupos, a classe poderá fazer cartazes com imagens desses bichos e plantas em perigo.

- Que personagens dos livros de Veiga poderiam ser associados à destruição dos primitivos ambientes culturais de Goiás? Por quê?

ATIVIDADE 2: A SOCIEDADE SERTANEJA Nos dois livros em estudo, há uma nítida divisão social baseada na propriedade da terra. Na zona rural de Goiás, como em todo o Brasil, possuir muitas terras era e é sinal de status e poder político. Personagens como o ferreiro Apolinário e o marceneiro Manuel Florêncio, de *A hora dos ruminantes*, ou o latoeiro Lázio, de “Tia Zi rezando” (*Os cavalinhos de Platiplanto*), precisam viver de trabalho assalariado ou de empreitadas. Por outro lado, donos de fazendas como a Chove-Chuva, do conto “Os cavalinhos de Platiplanto”, possuem empregados que fazem todo o trabalho pesado. Questões propostas:

- Desenhe a pirâmide das classes sociais de Manarairema. Quem está no topo? E na base? Há camadas sociais intermediárias?
- Que personagens adultos do romance não precisam viver do trabalho de seus próprios braços – braços como o do caipira de Almeida Júnior que amola seu machado?
- Em que passagens dos livros em estudo se percebe que os donos de terras são também as personagens mais poderosas politicamente?

O carroceiro Geminiano Dias, de *A hora dos ruminantes*, é negro, e algumas horríveis frases racistas ditas por outras personagens se referem pejorativamente à sua cor de pele. Relacione a baixa posição social de Geminiano com a história da colonização do sertão.

ATIVIDADE 3: CIDADES PLANEJADAS Como Sérgio Buarque de Holanda assinala em *Raízes do Brasil*, o traçado urbanístico das primeiras cidades fundadas pelos portugueses no Brasil contrasta vivamente com o das cidades criadas nos domínios espanhóis. Enquanto as antigas zonas centrais da capital do México, Buenos Aires (Argentina) e Bogotá (Colômbia) são divididas em quadras uniformes, com as ruas se cruzando numa simetria de ângulos retos, nos centros de quase todas as nossas cidades ainda hoje se vê como elas surgiram a partir do princípio “[da] rotina e não [da] razão abstrata. [...] A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma providência”. A “razão abstrata” na construção de nossas cidades somente começaria a ser implementada no século XIX, com a planta ortogonal de Belo Horizonte. O exemplo pioneiro de Minas Gerais foi imitado pelos construtores de Goiânia e Brasília. Os projetos dessas

cidades plantadas no meio do sertão pelo Estado brasileiro exibem um padrão urbanístico totalmente distinto do anterior, quase comparável ao das cidades hispano-americanas.

Com base no texto acima, o professor pode organizar uma discussão em grupos baseada nas questões:

- Desenhe um mapa esquemático de Manarairema com base nas indicações espaciais contidas no texto do romance. A maquete da Atividade 4 da seção de Artes pode ser um bom ponto de partida.
- A qual modelo de cidade Manarairema pode ser associada: o “português” ou o “espanhol”? Por quê?
- É possível dizer que o urbanismo da cidade-cenário de *A hora dos ruminantes* influencia acontecimentos da trama?

A atividade pode incluir uma consulta a mapas de cidades históricas de Goiás no Google Maps. Nesse caso, atentar para o fato de que apenas o centro histórico existia na época reconstituída nos livros.

17

ATIVIDADE 4: A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA E A INTERIORIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O primitivo universo ecocultural dos sertões sobreviveu até meados do século XX. Atraídos por novas oportunidades de trabalho, multidões de sertanejos começaram a emigrar para as grandes cidades em crescimento. Mas, com a fundação de Belo Horizonte (1897), Goiânia (1933) e Brasília (1960) – além de ferrovias, estradas e aeroportos –, governos, empresas e novos “colonos” começaram a se instalar nessas regiões pouco povoadas e, na prática, quase abandonadas após o final do ciclo da mineração. É o caso da região goiana revisitada por Veiga nos dois livros em estudo. Propõem-se as questões para uma discussão com toda a classe:

- Que indícios nos textos permitem dizer que as cidades-cenários de Veiga são isoladas e atrasadas?

- Que acontecimentos nos contos e no romance podem ser associados ao choque de modernização das pequenas cidades históricas de Goiás no século XX?
- Por outro lado, que costumes tradicionais podem ser encontrados nos textos?

ATIVIDADE 5: O GOLPE DE 1964 Em *A hora dos ruminantes*, um acontecimento histórico contemporâneo da escrita e da publicação do livro participa de maneira indireta da trama: o golpe militar de 1964. A truculenta tomada do poder pelos militares, que causou milhares de prisões, perseguições, torturas e mortes, forneceu a Veiga os temas da opressão e do medo que dominam o livro. No clima de pesadelo que envolve o enredo, os homens misteriosos que ocupam a velha chácara de Júlio Barbosa e passam a assediar a população de Manarairema seriam análogos dos ditadores pós-1964 e seus asseclas. O romance pode ser interpretado como uma crítica feroz, embora disfarçada, ao golpe de 1964 e à ditadura que se seguiu.

Questões propostas à classe:

- Por que a crítica de Veiga à ditadura militar é feita de modo alegórico, isto é, indireto e velado, recorrendo a uma cidade e a situações e personagens imaginárias?
- O primeiro habitante de Manarairema a fazer contato com os forasteiros é o vendeiro Amâncio, que logo estabelece relações secretas com eles. Como se poderia interpretar esse fato da ficção à luz da história do golpe militar?
- Que indícios no romance permitem associar a situação calamitosa de Manarairema sob o jugo dos invasores à situação política do Brasil na década de 1960? O que as invasões dos cachorros e dos bois poderiam representar nesse contexto interpretativo? E quanto aos habitantes de Manarairema que tentam resistir ao cerco, quem seriam seus modelos na realidade histórica?

O conto “A usina atrás do morro” também pode participar da discussão.

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Os primeiros livros de José J. Veiga exibem com clareza algumas características dos dois subgêneros literários aos quais o escritor tem sido mais frequentemente associado: o regionalismo e a literatura fantástica, muitas vezes chamada de “realismo mágico”.

O regionalismo surgiu na literatura brasileira em meados do século XIX como linha secundária do romantismo. O público leitor do Rio de Janeiro – então a capital do país – estava ansioso para conhecer as paisagens e os habitantes das províncias (antiga designação dos atuais estados) mais distantes do jovem Império. Na esteira do indianismo e do nativismo que haviam dado partida ao movimento romântico na poesia nacional, a autoafirmação e a valorização da terra, da língua e do homem brasileiros se tornaram os principais objetivos dos romancistas. No fim do século, já na fase realista e naturalista, o termo *regionalismo* passou a designar praticamente todos os livros ambientados em lugares afastados do Rio de Janeiro, especialmente na zona rural. Muitos dos autores regionalistas frequentemente nasceram e cresceram nesses lugares interioranos ou litorâneos, e já adultos emigraram para as grandes cidades, onde passaram a rememorar os lugares de origem em seus livros. É o caso de José J. Veiga, autor moderno do século XX e morador do Rio de Janeiro que se volta para sua região natal em Goiás em *Os cavaleiros de Platiplanto*, livro de estreia, e *A hora dos ruminantes*, seu primeiro romance.

Os acontecimentos estranhos e sobrenaturais nar-

rados nesses livros transformam a realidade sertaneja mais comezinha num universo mágico e imprevisível. Situações que repentina ou gradativamente contrariam as leis da física e da lógica são o cerne desse “realismo mágico” influenciado pelo surrealismo nas artes visuais, bem como por escritores da estirpe de Franz Kafka (1883-1924) e Luigi Pirandello (1867-1936). É a outra face do “regionalismo” muito pessoal de Veiga. Embora muitas palavras e cenários dos livros em estudo remetam com precisão à realidade regional do interior goiano de antigamente – incluindo o pitoresco dialeto caipira e as relações sociais nos vilarejos parados no tempo –, são as leis dos sonhos que controlam as tramas.

A literatura de Veiga é uma viagem através do “mundo fantástico real”, como ele mesmo denominava o universo de seus textos. O absurdo evidente das situações inesperadas revela o absurdo do cotidiano. O sertão goiano se transforma em outros mundos para expor as faces insuspeitas da realidade. Veiga explica essa concepção literária e filosófica através de uma de suas personagens: “Qual é o mundo real? Será um mundo em que pedras e sapos voam, areia molha, fogo pode ser cortado e guardado no bolso? E será que, para um mundo assim, este nosso é que é absurdo? Então, o que não é absurdo?” (*Sombras de reis barbudos*, 1972).

ATIVIDADE 1: A LINGUAGEM CAIPIRA Além da liberdade de construir as frases fora do padrão da norma culta da língua portuguesa (“pegou ela” em vez de “pegou-a”; “foi na venda” em vez de “foi à venda” etc.) – uma liberdade tipicamente modernista –, há muitas palavras nos dois livros que indicam a preocupação de Veiga em reproduzir a saborosa maneira de falar dos caipiras de antigamente. Trata-se de uma herança do regionalismo operando em plena literatura moderna.

Peça aos alunos que encontrem nos textos algumas

palavras caipiras de significado desconhecido, e que sugeriram significados para elas com base apenas em sua sonoridade. Depois, compare as sugestões dos alunos com as definições corretas, que podem ser encontradas em dicionários como o Houaiss e o Aurélio. Também pode ser curioso, para enriquecer a discussão, consultar a origem dessas palavras na seção de etimologia.

Sugestões:

A hora dos ruminantes: bruaca / aloitar* / biboca / choutar / tapera / peba / mata-bicho / bispar / sedenho / esquipar / bedamerda / latomia / bodejo / muxingo / gongomé** / marombar / sojigar / enxó / expandongar / bicanca / furupa / trelente / degas / sabucar / manquitola / patacoada / butelo / bozerra / aluir / roqueira / sarabanda / entanguido / murundu / paulino / goto / pala / catetu***

* Palavra não dicionarizada, semelhante a “luitar”, termo caipira para “lutar”.

** Palavra não dicionarizada, possivelmente inventada pelo autor, designando um animal desconhecido.

*** Mesmo que “caititu” ou “cateto”, porco-do-mato.

Os cavaleiros de Platiplanto: corrião / alcaide / ganhame / tufo / cubertão* / jirau / zorra / panariz / estoque / pexote / pari / parelho / mantena / maroteira / treteiro / revirão / miuçalha / boiota / embira / mundéu / pichorra / manojo / moirão** / brabeza / rosilho / empalamado / coité / ganjento / mutuca / capadócio / coradouro / farrancho / barrella / carapina / rebolo / cometa / borzeguim / peado / guatambu

* Antigo tipo de pneu.

** Mesmo que “mourão”, estaca.

ATIVIDADE 2: PROVÉRBIOS POPULARES Em diversas falas das personagens de Veiga, e mesmo nas passagens propriamente narrativas, é possível encontrar provérbios e ditados populares. Por exemplo, no início de *A hora dos ruminantes*, o ditado “no escuro toda corda é cobra, todo padre é frade” se refere ao fato de que os forasteiros são inicialmente confundidos com tropeiros (com seus burros cargueiros) no lusco-fusco do pôr do sol. Como diz outro provérbio popular, “à noite, todos os gatos são pardos”. Sugestões para discussão:

- Na vida cotidiana dos alunos, em que situações eles empregam os provérbios? Quais são os mais frequentes?
- Peça aos alunos que encontrem provérbios nos textos e expliquem seu significado com outras palavras. Por que Veiga inclui tantos provérbios e ditos em seus livros? Que papel eles desempenham na narrativa?

ATIVIDADE 3: CONTO X ROMANCE O escritor argentino Julio Cortázar (1914-1984) comparava a atividade do bom romancista à de um boxeador que vence seu adversário por pontos. Nessa mesma comparação, o bom contista equivaleria a um boxeador que vence por nocaute.

A comparação de Cortázar dá ensejo a um estudo mais detido sobre a forma da ficção. Para isso, sugerem-se estas perguntas, a serem respondidas pelos alunos em grupos:

- Quais são as principais semelhanças entre o romance *A hora dos ruminantes* e o conto “A usina atrás do morro”? E as principais diferenças?
- Quais são as afinidades e contrastes entre o romance e o conto “Era só brincadeira”?
- Que outro(s) conto(s) podem ser relacionados com *A hora dos ruminantes*?

Em suma, quais são as principais diferenças entre as formas do conto e do romance?

ATIVIDADE 4: FICÇÃO E TEATRO Tanto o conto como o romance são formas literárias que apenas sugerem ao leitor, pela via da descrição, a aparência dos cenários e personagens da narrativa. Já os textos de teatro, também um gênero da ficção literária, se baseiam na apresentação das personagens diante dos olhos do espectador, falando e se movimentando num cenário previamente preparado segundo as rubricas da peça. Assim, a parte mais importante dos textos teatrais são quase sempre os diálogos. Mas muitos contos e romances também se valem amplamente desse recurso dramático, intercalando as falas das personagens com trechos narrativos.

Divida a classe em grupos. Numa discussão inicial, os alunos devem identificar os contos e as passagens do romance mais “teatrais”. Cada grupo então escolherá um trecho do romance ou a íntegra de um dos contos para realizar uma representação teatral com base nos diálogos das personagens e nas indicações narrativas. Se o professor julgar necessário, os alunos podem confeccionar cenários, objetos e figurinos simples para aumentar a verossimilhança da representação. Naturalmente, alguns ensaios serão necessários para a correta marcação das falas e movimentos cênicos. Convide outras classes para assistir ao resultado final.

ATIVIDADE 5: LITERATURA E MEMÓRIA É possível ler boa parte dos contos de *Os cavalinhos de Platiplanto* como reminiscências da infância de José J. Veiga no interior de Goiás na década de 1920. Nascido em 1915, Veiga viveu entre Corumbá de Goiás, Pirenópolis e Goiás Velho antes de se mudar para o Rio de Janeiro. Teve uma infância típica dos meninos da época, repleta de brincadeiras nas ruas e quintais, com destaque para as visitas à fazenda do avô materno. Com a morte de sua mãe, quando ele tinha dez anos, o futuro escritor foi acolhido por parentes e separado de seus quatro irmãos.

Dois anos depois, Veiga se transferiu para Goiás Velho, onde realizou os estudos secundários ao mesmo tempo em que trabalhava para ajudar no sustento da casa. Mudou-se para a antiga capital federal em 1935.

O realismo extremamente convincente das personagens, diálogos e cenários de Veiga remete a essa época distante de seu passado biográfico, recuperado com o auxílio da fantasia literária. Perguntas sugeridas, a serem respondidas individualmente:

- Que artifícios textuais o autor emprega nos contos para dar a impressão de que se trata de episódios lembrados, e não inventados? Em *A hora dos ruminantes* ele utiliza os mesmos recursos?
- Quais contos podem ser mais fortemente associados a lembranças pessoais do autor? Por quê?

Peça aos alunos que escrevam um pequeno conto baseado em lembranças da infância.

Sugestões de sites para consulta:

- <<http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=A&cd=2335>>. Acesso em: 2 jan. 2015.
- <<http://www.corumbatur.com.br/galeria/1/>>. Acesso: 30 dez. 2014.
- <<http://www.pirenopolis.com.br/ExibeChamadas.jsp?pkLink=82>>. Acesso: 30 dez. 2014.
- <http://www.goiasgo.com.br/fotos_de_goias.html#VKL5wcW4>. Acesso: 30 dez. 2014.
- <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26742>>. Acesso em: 2 jan. 2015.

Érico Melo nasceu em Rio Verde, Goiás, em 1977. É doutor em literatura brasileira pela USP, com uma tese sobre os lugares reais e imaginários dos livros de João Guimarães Rosa, defendida em 2011. Redator, tradutor e revisor freelancer, atualmente desenvolve na USP uma pesquisa de pós-doutorado sobre a geografia do romance brasileiro no século XX.

DISTRIBUIDORES

BAHIA

Livraria e Distribuidora Multicampi Ltda.
(71) 3277-8613

CEARÁ

LFL Comércio e Serviços de Livros Ltda. - ME
(Livraria Feira do Livro)
(85) 3491-7868

DISTRITO FEDERAL

Arco-Íris Distribuidora de Livros Ltda.
(61) 3244-0477

ESPÍRITO SANTO

Representações Paulista Ltda.
(27) 3204-7474

26

GOIÁS

Sebastião de Miranda
(Planalto Distribuidora de Livros)
(62) 3212-2998

MARANHÃO

Sofia Livros e Papéis Ltda.
(98) 3221-1434/7153

MINAS GERAIS

Boa Viagem Distribuidora de Livros Ltda.
(31) 3194-5000

PARANÁ

A Página Distribuidora de Livros Ltda.
(41) 3213-5600

PERNAMBUCO

Varejão do Estudante Ltda.
(81) 3423-5853

RIO DE JANEIRO

Book Look Editora e Distribuidora de Livros Ltda.
(21) 2589-6052

RIO GRANDE DO SUL

T&G Books Ltda.
(51) 3906-6559

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E REGIÃO

Espaço Livraria e Distribuidora
(17) 3234-4088

SÃO PAULO

Casa de Livros
(11) 5185-4227
Feira Livro Comércio Ltda.
(11) 5189-8080

SOROCABA E REGIÃO

Artlivros Distribuição Editorial Ltda. – ME
(15) 3327-9232

TOCANTINS

Gurupi Editoriais e Papéis Ltda.
(63) 3216-9500

LISTA DAS OBRAS DO AUTOR

Aquele mundo de vasabarro

A casca da serpente

Os cavaleiros de Platiplano

De jogos e festas

A estranha máquina extraviada

A hora dos ruminantes

Objetos turbulentos

Os pecados da tribo

O relógio Belisário

O risonho cavalo do príncipe

Sombras de reis barbudos

Tajá e sua gente

Torvelinho dia e noite